

TRADUÇÃO

VOU DIZER AGORA: ENTREVISTANDO O MOVIMENTO*

*Alessandro Portelli***

1. Um paradoxo: a história oral ausente de 1968

Quando o movimento estudantil estourou, entre finais de 1967 e princípios de 1968, eu não estava lá¹. Acabara de graduar-me em direito e estava prestando o serviço militar na aeronáutica. Mas, precisamente porque estava em serviço, durante os primeiros meses pude identificar-me com o espírito anti-autoritário do movimento e, apesar dos preconceitos e da hostilidade da imprensa em geral, sentia que o significado essencial de tudo isso era uma batalha pela liberdade de palavra. Os jovens estavam cansados de que outros falassem por eles e estavam decididos a falar por eles mesmos.

O movimento falou por si mesmo durante encontros indefinidos, grandes e reduzidos, e se dirigiu ao mundo exterior principalmente por meio do megafone e do mimeógrafo. Essas formas de comunicar nos sugerem que os oradores eram muitos, quiçá tantos como os que escutavam, e que seus discursos eram pensados

* As reflexões contidas neste artigo foram apresentadas na aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em História/UFU, em 2007. Essa atividade integrou o Seminário Interinstitucional (UFU/PUC-SP/UNIOESTE) realizado em Uberlândia-MG, em abril de 2007.

Tradução e revisão técnica: Leandro José Nunes (doutorando em História Social e professor da Universidade Federal de Uberlândia)

** Alessandro Portelli é professor da Universidade de Roma "La Sapienza" e Presidente do Circolo Gianni Bosio para a memória e o conhecimento crítico da cultura popular.

¹ Este artigo é uma versão ampliada e corrigida de um ensaio publicado em IVES, Edward D. e JACKSON, Bruce, Ed. *The World Observed*, 1985. Uma versão diferente dos primeiros três parágrafos apareceu como "Intervistare il movimento: il '68 e la storia orale", *I Giorni Cantati*, 10 sept, 1989, september, 1989, p. 27-32.

para serem rápidos e efêmeros: um folheto e um relato em um encontro público se fazem facilmente, e facilmente se esquecem e se descartam.

As palavras do movimento queriam ser acessíveis naquele momento, não durar para sempre. Quando Phil Ochs cantava “*Tenho algo a dizer, senhor, e vou dizer agora*”, a palavra chave era *agora*.² E, apesar de que Ochs se referia ao Movimento de Berkeley para a Liberdade de Palavra, sua canção pode ser aplicada também à situação italiana.

Isso tem conseqüências importantes para a história do movimento, sobretudo para sua história oral. Sobre o movimento estudantil dos anos sessenta e setenta já se escreveu muito, sobretudo ao redor de seu vigésimo aniversário, em 1988, e está previsto que muitas outras coisas sejam ditas quando nos acercamos do trigésimo, em 1998. Sem dúvida, até agora houve poucas investigações históricas sérias, e quase nada de história oral. A maior parte dessa produção escrita era composta de recordações ambíguas: autobiografias de líderes, alguns folhetos polêmicos, grandes discussões sobre se o movimento estudantil podia ser considerado o lugar de criação do terrorismo, ou se o terrorismo representava uma traição do movimento.

Havia poucas exceções³, e quase nunca se utilizavam fontes orais. Luisa Passerini escreveu um livro encantador no qual combinava autobiografia, história oral e a história de sua investigação histórica, num percurso de descobrimento de si mesma por meio de uma avaliação crítica daqueles anos (*Autobiografia di gruppo*, 1989). Seu trabalho foi parte de um projeto internacional que resultou em um excelente livro, *1968. A Student Generation in Revolt*, editado por Ronald Fraser (que não conseguiu encontrar uma editora italiana). Havia inclusive algumas entrevistas com estudantes ativistas em minha história oral de Terni que, sem dúvida, eram

² OCHS, Phil, “I’m Going to Say It Now”, In: *I Ain’t Marching Anymore* (Elektra EKS 7269) and in *Chords Of Fame* (AM Records SP 6511)

³ ORTOLOEVA, Pepino. *Saggio sui movimenti del 1968 in Europa e in America*. Roma: Editori Riuniti, 1988.

periféricos com respeito ao movimento, como as entrevistas eram periféricas com respeito ao livro mesmo⁴. Cesare Bermanni e a revista de história radical *Primo Maggio* publicaram, com certa regularidade, entrevistas e conversações com a Nova Esquerda, porém estavam essencialmente enfocadas sobre a classe operária e os anos setenta.

As autobiografias e os livros de entrevistas de e com ex-terroristas incluíam também recordações de 1968, porém sempre na perspectiva do que viria depois. Também a situação dos arquivos é decepcionante porque, se é verdade que isso ocorre em toda a história oral italiana, a história dos anos sessenta é particularmente dispersa e não documentada⁵.

Trata-se de um paradoxo muito sério. A história oral, pelo menos na forma que assumiu na Itália, pode ser considerada, sob muitos aspectos essenciais, como um produto de 1968. Claro que existia anteriormente: Gianni Bosio, Danilo Montaldi, e Rocco Scotellaro conheciam as fontes orais e as usavam de diferentes formas, desde finais dos anos cinquenta⁶. Depois de 1968 Bosio e Montaldi (de formas diferentes e quase antagônicas) se uniram à ampla Nova Esquerda que nasceu a partir do movimento estudantil (Scotellaro tinha morrido alguns anos antes).

A tensão política e o acento na subjetividade que tinha caracterizado a maior parte da história oral italiana nos anos setenta e também nos oitenta, relativamente inativas, podem ser encontradas nestas origens.

⁴ PASSERINI, Luisa. *Autobiografia di gruppo*. Firenze: Giunti, 1989; FRASER, Ronald et al., Ed., 1968. *A Student Generation in Revolt. An International Oral History*. New York: Pantheon, 1988, pp. 248-60; PORTELLI, Alessandro. *Biografia di una città. Storia e racconto. Terni 1831-1985*. Torino: Einaudi, 1985, p. 330-34.

⁵ Sobre as recentes melhorias do sistema de arquivos italianos, conf. BARRERA, G., MARTINI, A., MULÈ, A., Ed. *Fonti orali, Censimento degli istituti di conservazione*. Roma: Ministero per i Beni Culturali e Ambientali, 1993.

⁶ BERMANI, Cesare. "Dieci anni di lavoro con le fonti orali". In: *Primo Maggio*, 5, 1975, p. 35-50; BOSIO, Gianni. *L'intellettuale rovesciato*. Milano: Bella Ciao, 1975; SCOTELLARO, Rocco. *Contadini del Sud*. Bari: Laterza, 1954.

Tentarei refletir sobre o paradoxo da história oral ausente do movimento em referência a dois aspectos: a formação de fontes (a expressão *do* 1968) e a coleção das fontes (investigação *sobre* 1968). Os fatores que tiveram mais influência na formação das fontes são:

- a tecnologia da palavra
- a composição social do movimento
- as formas de discurso do movimento

Os fatores mais importantes que se referem à coleção de fontes, em perspectiva histórica, são os que constituem o paralelogramo clássico das forças em jogo em todas as situações de entrevista:

- a relação entre o observador e o observado
- a relação entre o eu narrado e o eu narrador

2. A formação das fontes

Começemos com o que tenho chamado (citando uma expressão de W. J. Ong) a tecnologia da palavra⁷. O movimento estudantil dos sessenta é o primeiro movimento de massa inteiramente originado na era eletrônica. É também o primeiro totalmente composto por pessoas de educação superior, por definição a parte mais instruída da população. Consequentemente, o movimento estudantil não confiava sua memória coletiva às recordações individuais de seus membros ou, pelo menos, o fazia muito menos que os movimentos anteriores. A narração oral e a memória, o contar histórias e as recordações eram melhor reconstituídas no interior de uma organização geral das tecnologias mundiais. Este processo se desenvolve durante a idade moderna, ao menos desde a invenção da imprensa, porém passa por uma repentina aceleração durante os anos do movimento.

⁷ ONG, Walter J. *Orality and Literacy. The Technologizing of the Word*. London – New York: Methuen, 1982.

Poder-se-ia descrever este processo como focalização e intensificação de certas formas de oralidade: a presença da imprensa e da escritura favorece usos alternativos da palavra, portanto, (como para todas as culturas alfabetizadas) o movimento lê e escreve obsessivamente, porém também fala muitíssimo, é inconsciente e, por sua vez, confia no fato de que pode guardar suas palavras para o futuro.

Como hoje em dia há outras maneiras de preservar as palavras, já não se necessita da voz para tramar identidade e memória. Mais que resistir-lhe, a voz recorre ao tempo. A oralidade pode livremente improvisar, converter, influir ali mesmo, reagir à situação imediata. Liberada do peso das funções da memória pública, a oralidade se faz disponível para as funções expressivas do indivíduo. Pela primeira vez o discurso de um movimento de massa guarda tanto espaço para as expressões informais, efêmeras e pessoais da subjetividade.

Então, temos um problema para os investigadores contemporâneos que se dedicam ao trabalho de campo. Um movimento nasceu sob nossos olhos, e tínhamos os instrumentos para gravá-lo (nos sessenta havia também gravadores portáteis relativamente baratos), porém não sabíamos bem *o que* gravar. Como o Mr. Jones de Bob Dylan, sabíamos que “*algo estava ocorrendo*”, porém não sabíamos o quê. Diferentemente de Mr. Jones, nossa reação foi ter todos nossos órgãos e instrumentos abertos de maneira indiscriminada⁸.

Um dos efeitos que teve 1968 em minha vida foi que voltei a estudar (desta vez literatura); outro, comprar um gravador e unir-

⁸ O catálogo do Instituto de Martino contém 38 fitas cassetes, gravadas em 1968, durante o movimento estudantil em Milão. Estas fitas representam, mais que um específico projeto de investigação, um intento de documentação. Consistem quase totalmente em gravações de eventos públicos, como manifestações e encontros de massa. Conf. COGGIOLA, Franco, ed. *Fonti orali per la storia e l'antropologia: Testimonianze e documenti del mondo contadino e operaio*. Milan: Istituto Ernesto de Martino e Urbino: Istituto di Filosofia dell'Università degli Studi, 1988, p. 48-9, 53.

me ao Instituto Ernesto de Martino, um grupo de historiadores radicais independentes, músicos e folcloristas com base em Milão. Quando comprei o gravador, recebi de meus professores do Instituto de Martino, Franco Coggiola e Gianni Bosio, os dois conselhos que de fato constituíram todo meu treinamento antes de realizar o trabalho de campo: não o deixes sobre a mesa, a menos que não queiras registrar o ruído do motor; e não o apagues nunca. De vez em quando me esqueço do primeiro; do segundo, nunca.

A regra de ter o gravador sempre consigo descendia da essência política das origens e da atividade do Instituto: estava interessado na vida das pessoas, mais que em seu folclore, e ter o gravador sempre à mão significava para elas que nós tínhamos interesse em tudo o que nos diziam, e que não íamos cortar a comunicação quando suas intenções eram diferentes das nossas. No contexto de 1968 havia também outro tipo de motivação por trás desta atitude: não fazíamos discriminações porque não tínhamos um marco teórico para a discriminação. A gravação do movimento estava relacionada ao que, nesta época, havíamos definido como a questão “da investigação urbana”. O Instituto de Martino foi impulsionado e deve seu nome ao historiador e etnólogo Ernesto de Martino, o primeiro que a por em relação a investigação etnológica com o aparecimento do movimento popular nas áreas rurais do sul da Itália e no Terceiro Mundo.

A idéia de Bosio era aplicar as intuições de Martino nas áreas industriais do Norte⁹. Então, o background metodológico das atividades do Instituto provinha de experiências de investigações etnológicas e folclóricas acerca das áreas rurais sulistas; muito pouco folclore, se podia ver no ambiente urbano industrial. Portanto, ainda que recolhêssemos e acumulássemos tudo (inclusive dezenas de narrações pessoais, anedotas, histórias orais), tínhamos certa familiaridade em buscar e trabalhar por meio das estruturas expressivas formalizadas que havíamos encontrado nos con-

⁹ MARTINO, Ernesto de. *Furore simbolo valore*. Milano: Feltrinelli, 1980, ed. original de 1962, uma coleção de seus primeiros ensaios sobre a antropologia das sociedades urbanas contemporâneas.

textos rurais: relatos folclóricos, rituais, canções, refrões, etc.

Esta ênfase sobre a forma estava relacionada também à confiança não convencional que tínhamos no som, mais que na escrita, como nossa forma de comunicação principal. O Instituto de Martino era um dos motores do renascimento do folclore na Itália, por meio do grupo de músicos e compositores Nuova Canzoniere; grande parte da investigação histórica pessoal de Bosio foi publicada na forma de gravações em discos (LP), mais que na forma de livros, e eu segui seus passos: minha investigação sobre o movimento dos sem teto em Roma produziu um disco de canções, sons e refrões mais que um livro documental¹⁰.

Apesar de nossa austeridade de extremistas, utilizando concertos, reuniões e discos como nossa forma de comunicação primária, tivemos que reconhecer, senão seu valor de entretenimento, pelo menos seu valor estético e formas que pudessem chamar a atenção de um público.

Nosso primeiro contato com os contextos urbanos nos sugeriu que nada disto estava disponível. O movimento dos sem teto, onde eu militava, constituía uma exceção porque seus integrantes eram essencialmente imigrantes rurais do sul, que ainda utilizavam para certas ocasiões formas folclóricas tradicionais. Sem dúvida, a cidade em si mesma era algo diferente, e a cidade industrial por antonomásia, Milão — onde estava mais concentrada a presença de nosso objetivo final, a classe operária — era muito mais difícil de penetrar que uma metrópole essencialmente sulista como Roma.

Lembro-me de uma fita nos arquivos do Instituto de Martino em que alguém, em Milão, havia simplesmente saído à rua e prendido o gravador em algum lugar: não sabíamos o que buscar, então nos colocávamos a escutar qualquer som que a cidade produzia. Era algo muito diferente do que ir pedir à gente da área rural

¹⁰ BOCCARDO, P.; BOSIO, G.; SAVI, T. (Ed.) *Addio padre. La guerra di Belochio, di Palma e di Badoglio*. Dischi del Sole, DS 116/18; BOSIO, Gianni (Ed.) *La Prima Internazionale*. Dischi del Sole, DS 301/3/CP; PORTELLI, A., (Ed.) *La borgata e la lotta per la casa*. Dischi del Sole SdL/AS/10.

que nos cantasse “Lord Randal” (recolhi em Roma, de uma imigrante da Calábria, uma versão, “O testamento do envenenado”)¹¹: estávamos passando da formalização plena da cultura *folk* à aparente ausência de forma do meio ambiente urbano e, todavia, não estávamos preparados para distinguir entre ruídos, sons, palavras, discursos, orações, forma. Assim, utilizávamos o gravador como se fosse uma câmera escondida. Carregávamos-lhe com a fita cassete automaticamente e o prendíamos em qualquer lugar. Gianni Bosio gravou os acidentes de Milão em 1969, durante os quais um policial foi morto e lançaram a culpa no movimento estudantil.

Suas fitas confirmaram a versão dos estudantes sobre este episódio, porém não foram aceitas como provas no tribunal e ninguém comprou o disco de ruídos, apitos de policiais, gritos e fragmentos de conversações que havia reunido destas fitas cassetes¹². Escondi minha máquina debaixo de um amplo abrigo e gravei os policiais que desalojavam as pessoas que haviam tomado casas em Roma. A gravação levava algumas canções — uma se tornou mais tarde uma espécie de êxito *folk* — e assim encontrou alguns compradores. Estávamos gravando acontecimentos e deles participando, porém não éramos observadores participantes; os dois papéis, o de participante e o de observador, estavam, todavia bem distintos em cada um de nós.

Ao contrário dos mitos positivistas, é a interação destes elementos que faz a investigação interessante, porque implica um projeto, uma perspectiva e uma interpretação que é flexível, substituível, aberta, mas que está sempre lá. O paradoxo é que, como estávamos ajudando a organizar as ocupações de casas ou a manifestação contra os policiais, de fato estávamos “interferindo” como ativistas; mas a mescla de ideologia positivista e criticismo radical da divisão de papéis e de trabalho que levávamos introjetada nos induziu a darmos um passo atrás e a nos escondermos como

¹¹ Carmela Luci. Roma, 28 de out de 1973.

¹² BOSIO, Gianni. (Ed.). *I fatti di Milano*. Dischi del Sole, SdL/AS/7.

investigadores. Para usar uma expressão de Bosio: estávamos criando as fontes para a história futura, mas ainda não estávamos fazendo o trabalho dos historiadores.

Deste modo, eram gravadas as situações que o movimento vivia, eventos públicos e coletivos: manifestações, encontros, sit-in e dezenas de conversações longas, prolixas, espontâneas, nas quais não havia distinção entre as pessoas que estavam atrás e as que estavam em frente ao gravador.

A homogeneidade política, social e pessoal dos que faziam trabalho de campo com o movimento prevaleceu sobre a distância, que é tão necessária ao trabalho mesmo, como o é a empatia. Não éramos observadores participantes porque nossa participação superava nossa observação. Além do mais, nossa observação estava ofuscada, antes de tudo, por nossa falta de uma idéia clara do que tínhamos que observar (uma consequência disto foi a dificuldade de descrever ou colocar um índice na massa de documentos gravados que juntamos e, conseqüentemente, todo este material teve uma utilização muito inferior ao seu potencial). Realizei dezenas de entrevistas com gente que havia tomado casas (e Bosio e Cesare Bermani com ativistas e líderes radicais da classe operária), mas ninguém pensou em realizar entrevistas com pessoas do movimento; o sentido da alteridade, que é inerente à atitude da entrevista, e que sentíamos em termos de classe, e ou geração, com a classe operária ou os sem teto, era ausente em nossa relação com o movimento estudantil (ainda que todos nós, e eu também, fossemos um pouco mais velhos que eles).

Teria sido como entrevistar a nós mesmos. E, poderia acrescentar que, durante trabalhos históricos sucessivos com fontes orais, a atitude etnográfica está ainda subdesenvolvida; diferentemente das histórias orais da classe operária, o trabalho que ainda assim existe sobre o movimento estudantil está essencialmente baseado sobre entrevistas “de elite” com líderes e protagonistas do 68, mais que com a base (é também o caso das entrevistas de Luisa Passerini sobre o 68, diferente de sua investigação sobre a classe operária de Turim).

Sem dúvida, a magnética linguagem urbana do movimento

não carecia totalmente de forma. Algumas destas formas eram justamente o que sempre havíamos buscado, por exemplo, canções. Em 01 de março de 1968, pela primeira vez, os estudantes em Roma contra-atacaram a polícia diante da Escola de Arquitetura, no Valle Giulia; Paolo Pietrangeli (um integrante do Nuovo Canzoniere), ao escrever uma canção sobre o acontecimento, não se limitou a celebrá-lo, mas também expressou muito eficazmente as mudanças subjetivas que havia impulsionado:

E mi guardavi tu con occhi stanchi
ma c'eran cose certo più importanti
No alla scuola dei padroni
via il governo, dimissioni...

E me olhavas com olhos cansados
mas claro que havia coisas mais importantes
Abaixo da escola dos patrões
fora o governo, que renuncie...¹³

A canção expressava o processo coletivo de descobrimento do significado *pessoal* da política (o contrário do significado político do pessoal, que caracterizava os anos setenta). Uma relação amorosa esgotada tinha menos importância do que a revolução incipiente (creio que nesta época tinha muitas dúvidas sobre a canção porque me parecia demasiado “subjetiva” e não suficientemente política...). Buscávamos canções *folk*, sem dúvida, e “Valle Giulia” claramente não era uma destas. Não a compôs a classe operária nem o proletariado rural — visivelmente ausente em Valle Giulia — senão um indivíduo instruído de classe média. Não havia passado pela tradição oral: enquanto Paolo a escreveu, editaram-na em vinil e distribuíram-na nas lojas de discos. Houve longas discussões acerca da natureza destas novas canções de protesto

¹³ PIETRANGELI, Paolo. *Valle Giulia. Canzoniere della Protesta 6*. Milan: Edizioni Bella Ciao, 1977; em gravação, PIETRANGELI, Paolo. *Mio caro padrone domani ti sparò*. Dischi del Sole, DS 197/99.

e sua relação com a tradição de música radical folclórica; e ficamos satisfeitos quando outra canção de Petrangeli, “Contessa”, se difundiu por meio da oralidade no movimento e se fez propriedade coletiva. Sem dúvida, não estávamos preparados para analisar a relação entre o vinil, o folclore e os movimentos de massa, ou para conceber estas canções como expressão do movimento, mais que um comentário *acerca do* mesmo. Então, algo estava ocorrendo, mas não sabíamos o quê.

Por outro lado, digamo-lo sinceramente, de alguma coisa se tratava e contribuímos para criá-la, cantá-la, imprimi-la e difundi-la.

Os lemas constituem outro exemplo disto. Sob todos os pontos de vista, um lema é uma expressão *folk*: se cria, transmite e modifica oralmente, e está baseado em uma retórica e uma métrica formalizada que se parece com o refrão e com o “stornello”, sua estrutura é possivelmente a mais próxima à criação comunitária de Gummere (por meio das “massas que manifestavam” como foi). Sem dúvida, nunca os tomamos a sério. Lembro-me de algumas conversações desordenadas durante os tardios anos sessenta e, logo, nunca mais pensei em lemas, senão dez anos mais tarde, quando escrevi um ensaio e tratei de fazer uma gravação dos lemas dos trabalhadores (e não de estudantes)¹⁴.

A forma mais coletiva de expressão, sem dúvida, foi o discurso mesmo do movimento. O descobrimento do chamado discurso “esquerdista” e sua representação como jargão truculento e abstrato pelos meios de comunicação conservadores, durante os anos setenta, foi um dos instrumentos de desconstrução do movimento; o primeiro passo de nossa derrota foi ridicularizar, disfarçar e criar estereótipos sobre nossa maneira de falar. E isso foi possível porque o movimento nunca havia pensado seriamente em sua criatividade lingüística. Quando esta agressão cultural chegou, nos tomou de surpresa, sem dados e sem teoria (e mais, apenas tínhamos descoberto “a ironia” e pensado que podia ser uma maneira

¹⁴ PORTELLI, A.. “*I metalmeccanici e la funzione poetica. Espressività orale di base nella manifestazione nazionale del 2 dicembre 1977*”. In: *I Giorni Cantati*. 2/3, 1982, p. 43-60.

eficaz e saudável de rir de nós mesmos), e nos reduziu ao silêncio, literalmente.

3. A coleção de fontes

Nunca entrevistei o movimento estudantil de maneira sistemática. Mas quando o fiz, me dei conta de imediato que as verdadeiras pedras angulares da experiência da entrevista eram muito distintas do trabalho de campo que havia realizado anteriormente, ou que estava realizando, na época, com os trabalhadores italianos da indústria do aço ou os mineiros de carvão de Kentucky.

Começamos pela relação entrevistador-entrevistado. Tenho dito que a história oral na Itália é, em boa medida, um produto do 1968. Isto significa que, cada vez que os historiadores se enfrentam com o 1968, estão envolvidos em algo parecido a autobiografia, talvez não no nível pessoal, mas sim científico, porque estamos nos ocupando das raízes de nossa identidade e método científico. Apesar de não estar presente durante a “batalha” de Valle Giulia, estou fazendo autobiografia quando entrevisto as pessoas sobre isso. Pois, este foi um dos acontecimentos que tem modelado os instrumentos que utilizo, inclusive minha percepção da realidade (como as pessoas se recordam de onde estavam no momento em que mataram Kennedy, eu me recordo muito claramente da cena quando fiquei sabendo. Tanto quanto o debate político sobre 1968 tem a ver com sua legitimidade (era terrorista? totalitário? anti-cultural?), ao explorar 1968, estou explorando a legitimidade de meu próprio trabalho.

É por isto que Luisa Passerini tinha tanta razão quando, em sua *Autobiografia di gruppo*, combinou sua autobiografia, a história do 1968 e seu fazer historiográfico.

Outra diferença, da qual estou seriamente consciente, se refere à distância geracional. Quanto mais trabalho com história oral, mais me dou conta de que algo tem mudado. Por um lado, estou ficando velho: quando comecei, havia entre trinta e cinquenta anos de diferença entre mim e os narradores, agora, a distância diminui gradualmente e tende a desaparecer; e mais, em alguns casos, foi

revertida. E toda minha relação com esta história muda; já não coleciono recordações de acontecimentos que ocorreram antes do meu nascimento, senão versões de fatos que posso recordar, já que tenho idade suficiente. E comparo o relato de minhas fontes com o meu relato, como fonte potencial. Tenho menos o sentido do passado e mais o da contemporaneidade.

Também com os mineiros ou trabalhadores da indústria do aço vejo que é possível compartilhar muitas recordações e experiências, sendo da mesma geração. Não só escutamos os mesmos discos, como pertencemos à primeira geração que fez da audição de discos uma forma de identificação coletiva.

A natureza dialógica de todas as entrevistas se faz mais tangível ainda quando há muitas coisas em comum. Entrevistar o movimento desmente o teatro da abstração e do distanciamento, o “fazer-se de desentendido”, que tantas vezes é confundido com uma técnica boa e objetiva de entrevista. Tem sentido para mim perguntar a um mineiro de carvão do Kentucky “O que ocorreu em Ewart em 5 de maio de 1931?”, ou a um operário da indústria do aço em Terni “Quem ganhou as eleições municipais em 1920?” (um choque entre mineiros e esquadrões policiais particulares; o Partido Socialista): os narradores podem acreditar que eu não conheço a resposta porque sou de fora, ou mais novo. Porém, quando um ativista do movimento me diz “minha iniciação foi Paolo Rossi” (um estudante assassinado pelos fascistas na Universidade de Roma, em 1969), não tem absolutamente sentido que lhe pergunte quem é Paolo Rossi. A inevitável resposta seria: “A quem queres enganar? Estavas lá, ou terias que ter estado”. Eu estava no escritório, a menos de uma milha, porém não me inteirei do que ocorreu até que li no jornal no dia seguinte.¹⁵

Por se tratar de indivíduos instruídos, com uma cultura muito

¹⁵ A homenagem ao trigésimo aniversário do assassinato de Paolo Rossi, organizado pelo Instituto Histórico de Roma da Resistência ao Fascismo, em abril de 1966, constituiu para mim a ocasião para escrever o ensaio sobre a cultura juvenil em Harlan, incluído no livro editado por IVES, Edward D. e JACKSON, Bruce, editores. *The World Observed*, 1985

parecida com a nossa, significa que as modalidades de linguagem que utilizam se parecem muito com as que nós utilizamos; é muito fácil para eles detectar nossas poucas técnicas de entrevistas. Por outro lado, nós também conhecemos muito bem sua operação contra-manipuladora, porque usamos os mesmos métodos. Estes dois elementos — experiência e tipos de discursos compartilhados — fazem da entrevista um texto muito mais fragmentado e menos ordenado do que quando há mais distância entre os sujeitos que interagem. Há mais alusão e menos enunciação; mais intercâmbio, contra-interrogação e comparação de notas e menos monólogo narrativo. Também a relação entre o eu narrador e o narrado é diferente. Os ativistas de 1968 têm passado por uma etapa da história muito particular. Durante estes vinte anos, a história e o ritmo das mudanças tem sido muito mais rápidos que em outros momentos.

Podemos, realmente, lembrarmos de nós antes da liberação feminina, do movimento ambientalista, da televisão colorida?¹⁶ Esses vinte anos produziram também mudanças muito profundas nas maneiras das pessoas olharem para si mesmas. A “década eu” não foi tão intensa na Itália como o foi nos Estados Unidos, mas a política da vida privada, o enfoque de auto-análise aprendido do movimento feminino, o papel da imaginação e subjetividade, a nova legitimação de uma cultura de massa, sugeriram a todos uma perspectiva diferente sobre nós mesmos.

Muitas pessoas com as quais falamos passaram por experiências traumáticas e mudanças pessoais muito radicais: o yupismo e o mito do êxito criaram tantas identidades quantas o fizeram a prisão, o terrorismo, a quebra de tantos pilares da nossa fé e atos. Para alguns o 1968 é uma recordação desbotada, para outros um doloroso pecado.

Enfim, o processo mesmo de recordar tem sido atacado du-

¹⁶ A televisão colorida foi introduzida na Itália em 1976. Tentei um pequeno experimento, perguntando às pessoas se se recordavam da data; na maioria dos casos, antecipavam a data entre cinco ou dez anos, como a sugerir-me que sempre havia existido.

rante esses anos. Por um lado, a “cultura do agora” dos meios de comunicação de massa se somou a uma propaganda política que representava o 1968 como um grande erro em sua totalidade, que era melhor esquecer. Por outro lado, alguns intelectuais influentes e grupos de extrema esquerda lutaram ativamente contra a constituição de uma memória como uma carga de tradição acumulada e fossilizada como obstáculo ao novo revolucionário¹⁷; muitas vezes se sobrepunham, se comunicavam e se fundiam em nome da “modernidade”: o único “bom” 1968 era o “modernizador”, sobretudo com referência aos estilos de vida, o que nos havia conduzido ao divórcio e ao rock, ao aborto e a novos estilos de vestir-se.

Deste modo, a distância entre o eu narrador e o eu narrado é, para pessoas relativamente jovens, imensa. Um mineiro ou trabalhador da indústria do aço, ao redor dos setenta anos de idade, tem menos dificuldades em lembrar os anos vinte do que muitos ex ativistas de quarenta anos recordando os anos sessenta — e não porque a mudança foi menos ampla (os trabalhadores da indústria do aço têm televisão colorida também), senão porque foi mais gradual. E, mais importante ainda, porque a mudança teve lugar em um momento diferente do ciclo de vida pessoal.

O movimento estudantil foi um movimento de adolescentes; seus integrantes tinham entre dezoito e vinte anos e estavam mudando continuamente enquanto a sociedade ao redor mudava. Além do mais, tudo ocorreu em um momento da história em que a definição e a duração da adolescência haviam sido estendidas até limites sem precedentes.

De novo, os trabalhadores ou mineiros anciãos podem recor-

¹⁷ Este foi o tema central em uma conferência organizada pelo Instituto Ernesto De Martino e o diário *Primo Maggio* em Mântua, de 23 a 25 de outubro de 1981, sobre “Memória da classe operária e composição de nova classe. Problemas e métodos da historiografia do proletariado”. Nas atas publicadas, *Memória operaria e nuova composizione di classe. Problemi e metodi della storiografia del proletariato*, Rimini: Maggioli, 1986, veja BERMANI, Cesare. “Introduzione”, p. IX-XLII; MARCHETTI, Valerio, “Rivoluzione e follia”, p. 59-68; e as observações, durante a discussão, de Claudio Pavone, Bruno Cartosio e Valerio Marchetti.

dar-se do que estavam fazendo quando tinham dezessete anos porque, na maioria dos casos, estavam ocupados em seu trabalho de adultos, na fábrica ou nas minas. Mas, para estudantes ativistas, a combinação de uma mudança constante, do ponto de vista biológico, em osmose com uma mudança histórica drástica, torna difícil estabilizar na memória as formas, os momentos, os termos reais da mudança que ocorreu.

4. A batalha de Valle Giulia

As diferentes histórias pessoais influem sobre a recordação do mesmo evento, e a diferença entre o eu narrador e o narrado produz formas narrativas e um conjunto de motivos compartilhados. A “Batalha de Valle Giulia”, o 01 de março de 1968, foi uma experiência traumática, quase uma iniciação, para uma geração de estudantes: para muitos, foi a primeira confrontação com a polícia; para todos, foi a primeira vez que os estudantes contra-atacaram. Como cantava Paolo Pietrangeli: “*De repente, ocorreu algo novo: não escapamos, desta vez não escapamos*” — “*já não escapamos mais*”. Todos os narradores estão enfocados no momento em que viram a polícia pela primeira vez; mas suas recordações e percepções divergem fortemente:

Massimo Pieri.¹⁸

Então chegamos à Via Gramsci, defronte à Escola de Arquitetura, e vimos a polícia e os carabinieri — mais numerosos do que pensávamos, prontos para a batalha, organizados.

Lucio Castellano.¹⁹

Eram poucos, e não realmente belicosos. É certo, o que mais me

¹⁸ A menos que se mencionem outras, as entrevistas utilizadas nesta seção foram colecionadas por Andréa Colombo, um jornalista do *Il Manifesto*, por ocasião do suplemento para o vigésimo aniversário de 1968, em abril de 1988. Nesta época, Massimo Pieri era estudante de Física e agora é investigador.

¹⁹ Lucio Castellano era estudante de sociologia; mais tarde se tornou sociólogo.

chamou a atenção foi que eram maiores, ou pelo menos assim os recordo. Maiores, e poucos, e relaxados, como nós. Fomos rapidamente para a porta, como se fosse a coisa mais natural no mundo e, de repente, nos atacaram.

Raul Mordenti.²⁰

Bom, o que quero dizer é que não eram bons — eram ridículos, eram feios — se viam como se tivessem o traseiro colocado na frente... se vestiam com essas roupas grossas que lhes impediam correr...

A recordação está influenciada, sobretudo, pela disposição de ânimo subjetiva no momento dos acontecimentos. Segundo Massimo Pieri, quando os estudantes se dirigiram para a escola de Arquitetura “*se tratou de uma manifestação sem slogans, silenciosa e tensa*”. “*A manifestação*”, disse outro narrador, “*era como umas férias, relaxada...*” todos se recordam dos lemas; um verso de Pietrangeli os repete. Pieri, aparentemente, veio preparado para um estado de guerra (e relativamente pronto para atacar de volta: “*Não é como se não houvessemos previsto a violência — coisas como lançar ovos. Quero dizer, este era o nível de violência até então*”); Lucio Castellano foi tomado de surpresa. Assim, Massimo Pieri estava tenso, enquanto os demais tinham ânimo para celebrar. Esta é a confirmação de uma descoberta de todo trabalho de história oral sobre eventos coletivos: podem estar envolvidas massas de pessoas, porém os indivíduos sempre participam com motivações, expectativas e estados de ânimos diferentes.

A outra influência está representada pela história pessoal sucessiva e pela subjetividade no momento de falar (como nos sugere a oposição entre o presente histórico de Pieri e o tempo passado utilizado pelos demais). Seria estúpido tentar interpretações

²⁰ Raul Mordenti, professor universitário, que eu entrevistei em Roma, em março de 1988. Era estudante de literatura e, agora, ensina literatura italiana na Universidade.

deterministas destas maneiras contrastantes de recordar; chame-me a atenção, de toda forma, o fato de que Pieri é, das três testemunhas, o que mudou menos desde então. Sempre tem estado filiado à parte mais “indisciplinada” da ultra-esquerda que, tendencialmente, tinha uma visão militar da luta política. Valle Giulia é um acontecimento histórico, mas também um mito de fundação e sustenta essa identidade militante.

Lucio Castellano, por outro lado, era ativo no mesmo grupo de Pieri durante alguns anos e logo foi preso e processado (alguns de nós dizem “encurralado”) por terrorismo e, depois de passar um par de anos no cárcere esperando o processo, declararam-no inocente. Ele vê Valle Giulia na perspectiva da violência e repressão que ocorreram depois; talvez tente também lançar uma imagem “inocente” sobre 1968, ao contrário dos que o vêem como o viveiro da violência política e do terrorismo.

É certo que ele tem pensado mais no aspecto da violência que todos os outros. Raul Mordenti, enfim, sempre foi identificado com a ala mais moderada do movimento estudantil e minimiza o papel da repressão física para enfatizar a luta política e cultural. Um paradoxo final: segundo Sandro Médici, um jornalista especialista nos arquivos policiais daquele dia, os policiais em Valle Giulia eram “*um exército reduzido, porém poderoso e bem treinado... tratava-se de uma verdadeira operação militar*”. Parece que Pieri tem razão, depois de tudo.

Enquanto estas três versões diferem, pelo menos em parte, em termos de opinião e juízo, outras duas testemunhas diferem em termos de fatos:

Roberto De Angelis.²¹

Ainda posso sentir o impacto das bombas de gás lacrimogêneo que nos lançaram, ali acima, no ar, de maneira muito simples, em uma curva. Foi a primeira e última vez que vi bombas de gás lacrimogê-

²¹ Roberto de Angelis, entrevistado por Andréa Colombo, era estudante de sociologia e, agora, é sócio-antropólogo, especializado em culturas juvenis.

neo que não chegaram a mais de quinze ou vinte pés. Em 1977 já disparavam-nas diretamente no nível da cara.

Maria Rossi.²²

[em Valle Giulia] era terrível, porque estavam disparando direto por baixo. Nunca havia visto bombas de gás lacrimogêneo, eram mortais.

É bem provável que os policiais tenham feito as duas coisas: lançar as bombas pelo alto, no ar, para difundir o gás e, ao mesmo tempo, disparar direto e baixo para machucar os manifestantes (pelo menos um estudante que estava protestando foi morto desta maneira durante os anos setenta). A diferença entre o testemunho de Roberto de Angelis e o de Maria Rossi pode ser simplesmente de pontos de vista, referente ao lugar onde se encontravam durante “a batalha”. Porém, a recordação é também influenciada pela subjetividade, naquele momento e agora. De Angelis faz uma comparação instintiva entre Valle Giulia e 1977 (“*na recordação*”, diz, *tudo se sobrepõe. As coisas não te saem a menos que as compare e as faça rebater entre elas*), ano em que disparar, em ambas as partes, era algo que claramente se fazia no nível da cara. Era ativo no movimento então e, como Lucio Castellano, percebe Valle Giulia como uma empresa bastante tranqüila quando a compara com as batalhas que tiveram lugar nove anos mais tarde: “*Foi uma manhã violenta, porém não um desses dias no qual te imaginas que te vão disparar*”.

Por outro lado, o percurso político sucessivo de Maria Rossi é muito menos militante, apesar de que suas idéias podem ser também radicais; para ela, Valle Giulia significa um encontro originário com a violência. De fato, enquanto Roberto de Angelis e Lucio Castellano tinham algumas experiências políticas antes de Valle Giulia (tinham militado no movimento da juventude comunista), esta

²² Maria Rossi é um pseudônimo. Era estudante de filosofia e logo se fez psicanalista. Também foi entrevistada por Andréa Colombo.

foi a primeira manifestação para Maria Rossi que ainda se identifica com seu estado social de estudante de classe média, e se recorda que estava chocada ao ver policiais que golpeavam membros do mesmo nível social que o seu, como faziam com os trabalhadores. Ironicamente, ainda que se encontrassem nos opostos do espectro político da esquerda, o estado de ânimo de Maria Rossi era parecido ao de Massimo Pieri: estava a ponto de romper com sua própria classe social e percebe a tensão no que, para outros, são férias. (*“Durante aqueles dias todas as manifestações eram muito tensas, nervosas”.*)

Parece que os narradores têm dificuldade em separar seus estados de ânimo dos eventos objetivos — talvez porque os eventos e as mudanças reais tinham lugar na mente. Deste modo, o momento do ciclo vital e pessoal, no qual eventos cruciais ocorrem, tem influência sobre a recordação e a representação. Em outro artigo²³ fiz alguns comentários sobre como a classe operária de Terni muitas vezes pensava na história da mesma classe operária como numa série de oportunidades perdidas, mas cada um localizava o ponto decisivo no momento mais intenso de seu compromisso pessoal com os eventos históricos. A batalha de Valle Giulia significa claramente um início (*“um feito novo”*, canta Pietrangeli), uma espécie de iniciação coletiva.

Individualmente, sem dúvida, sua imagem depende se era a primeira vez ou se, ao contrário, já havia um passado anterior, um encontro com a violência política e a resposta que se deu. Então, a visão irônica dos eventos em Valle Giulia de Raul Mordenti se pode ver não só no contexto de seu percurso político posterior, senão também na perspectiva do que havia ocorrido antes:

Minha iniciação, quero dizer, o choque, não foi o 68, senão a morte de Paolo Rossi. Isto é o que me fez um companheiro, porque vi os fascistas, me pegaram e, pela primeira vez, pensei em reagir, por-

²³ PORTELLI, A.. “Uchronic Dreams: Working-Class Memory and Possible Worlds”. In: *The Death of Luigi Trastulli and Other Stories*. Albany: State of New York University Press, 1991, p. 99-116.

que eram profissionais, alguns te seguravam enquanto outros te golpeavam, uma situação chocante, científica. E, para mim, que depois de tudo era um homem democrático, foi mais chocante ainda ir à polícia para pedir ajuda e dar-me conta que estavam aliados com os fascistas.

A tendência de muitos narradores a descrever a batalha de forma menos dramática do que foi na realidade, pode introduzir a questão das formas narrativas. Existe uma relação implícita entre autobiografia e ironia: em ambos os casos, o que fala sai da cena e se olha a si mesmo como se fosse outra pessoa. Nos relatos de 1968 este elemento irônico é acentuado simetricamente à distância crescente que descrevemos entre o eu que narra e o narrado. Assim é que muitos relatos se abandonam à ironia e ao estilo herói-cômico. Esta é a história da ocupação de uma escola secundária em Terni, em 1968:

Walter Mazzilli.²⁴

Nesta primeira fase do movimento estudantil, nossa demanda era a liberdade de reunião. Queríamos que os estudantes tivessem uma sala onde encontrar-se, em cada escola. E levamos a cabo uma dessas ações heróicas, entre aspas, que levou à ocupação de uma ala do Instituto Técnico Industrial. Quero dizer — para dar a idéia do estilo conspirador daqueles dias: nós, os líderes, havíamos planejado inicialmente ocupar o edifício escalando o muro externo à noite, com cordas, bloqueando o portão pela manhã. E me recordo que se supunha que o experto fosse o companheiro Sandro Berarducci, porque era membro do Club Alpino, ou algo no estilo, então se supunha que tivesse experiência em nós, cordas e tudo. Porém logo, afortunadamente, a racionalidade prevaleceu, e seguimos outra estratégia.

Estávamos esperando o toque da campanhia ao final das aulas e

²⁴ Walter Mazzilli, 1948, que eu entrevistei em Terni, em 07 de jul de 1983. Mazzilli era, naquela época, funcionário na Oficina Cultural da administração comunal.

logo os companheiros na escola teriam correntes, parafusos, chaves inglesas e martelos em suas mochilas, e se esconderiam nos banheiros e, depois que todos houvessem ido, teriam saído fora e bloqueado o portão. Mas tivemos que desfazer-nos também desta solução porque nossa estratégia, que era tão secreta, todo mundo a sabia, portanto nossos companheiros estavam sendo observados. Resultado que, às 15h, finalmente invadimos o Instituto Técnico caminhando pela entrada principal — que estava fechada antes, e muito bem, porque todo o mundo sabia que haveria uma ocupação. Mas pudemos introduzir-nos, aproveitando-nos de um caminhão que levava gás para a calefação — então o portão estava aberto, e nós, trinta homens jovens, audazes e desafiantes, entramos e nos fechamos dentro. E declaramos um encontro de luta e protesto.

E todo o assunto foi, sob certos aspectos, cômico. Sob outros, não quero exagerar, não trágico, senão dramático.

Como já pontualizamos, este é um movimento instruído. Sua base vem das melhores escolas; então o humor herói-cômico, frequentemente, é aumentado por referências paródicas a exemplos heróicos retomados da história clássica²⁵. Quando a polícia irrompeu no primeiro sit-in na Escola de Humanidades em Roma, Raul Mordenti se recordou da primeira invasão dos bárbaros no Capitólio Romano republicano. “*Esperávamos-los como senadores romanos, todos sentados, muito decorosos*” — e o contraste cômico era aumentado pelo fato de que os policiais, que provavelmente não eram instruídos para reconhecer o antecedente histórico, não os trataram “decorosamente”, para nada.

Outro episódio mítico da história romana antiga (a batalha entre dois grupos de irmãos que acertaram as contas depois do rapto das Sabinas) modela a recordação de Massimo Pieri de uma cena em Valle Giulia:

²⁵ Para outro exemplo em estilo herói-cômico nos relatos do movimento, veja o capítulo 15, “*Conversations with the Panther*.”

“Estava fazendo calor, e os carabinieri estavam descansando. Estava escapando com outros três ou quatro companheiros, paramos, demos a volta, e havia ficado só um atrás de nós. Então gritei: um de vocês contra um de nós, retiremos nossos casacos e lutemos como homens. Ele pensa um momento, e depois começa a tirar o casaco para jogar aos Curiatios.”

Também eram pessoas jovens nos sessenta, igualmente influenciadas por uma cultura de massa. Jogavam futebol e liam jornais desportivos, tinham crescido alimentando-se de filmes *western*. E também acabavam de sair da meninez. A “conquista” da Escola de Arquitetura em Valle Giulia é o coroamento de uma experiência formativa de futebol: jogar às escondidas, cowboys e índios:

Raul Mordenti. Finalmente entramos na Escola de Arquitetura. Havia alguns policiais na entrada, e Oreste (Scalzone, um dos líderes) fez um discurso muito divertido — divertido, se pensas agora. Lhes prometeu imunidade se saíssem com as mãos levantadas²⁶. Literalmente. Não tenham medo, lhes disse; não vamos lhes fazer dano, levantem as mãos e saiam. Os policiais também estavam surpresos. Era divertido. E não era militarista; era o poder da política contra o poder das armas, porque estávamos completamente desarmados, mas a sensação era que ganhámos, os fizemos passar por tontos, conseguimos nosso objetivo.

²⁶ Oreste Scalzone é de Terni. A analogia com a paz que os partisans ofereceram aos líderes fascistas na batalha de Poggio Bustone (se saírem pacificamente, talvez, vamos poupá-los: veja o capítulo 9, *The Battle of Poggio Bustone. Violence, memory and Imagination in the Partisan War*) pode ser mais que uma coincidência.